

ARNALDUR INDRIDASON

A MULHER DE VERDE

Tradução de Vasco Gato

1

Ele percebeu de imediato que se tratava de um osso humano, assim que o tirou à bebê que estava sentada no chão a roê-lo.

A festa de anos acabara de atingir o seu clímax no meio de um barulho ensurdecedor. O entregador de pizzas apareceu, foi-se embora e as crianças empanturraram-se de piza por entre goladas de *Coca-Cola*, berrando o tempo todo umas com as outras. Depois, abandonaram a mesa num pulo conjunto, como se tivesse sido dado um sinal, e desataram outra vez numa correria, algumas delas munidas de metralhadoras e pistolas, as mais novas agarradas a carros ou dinossauros de plástico. Ele não conseguia perceber em que é que consistia a brincadeira. Para si, tudo aquilo não passava de um chinfrim enlouquecedor.

A mãe do aniversariante pôs pipocas a fazer no micro-ondas. Disse-lhe que iria tentar acalmar as crianças, acender o televisor e pôr um vídeo. Se não resultasse, expulsá-los-ia. Era a terceira vez que festejavam o oitavo aniversário do seu filho e os nervos dela estavam à beira do colapso. Terceira festa de anos seguida! Primeiro, a família toda foi jantar fora a um restaurante de hambúrgueres extorsionário que tocava uma música *rock* de furar os tímpanos. Depois, a mãe organizou uma festa para os parentes e amigos da família, ocasião grandiosa como se ele estivesse a ser crismado. Nesse dia, o rapaz convidara os colegas de turma e os amigos do bairro.

A mãe abriu o micro-ondas, retirou o saco inchado de pipocas, pôs lá outro e pensou para si mesma que para o ano optaria pela simplicidade. Uma festa e estava feito. Como quando ela era pequena.

Não ajudava em nada o facto de o jovem sentado no sofá estar completamente ensimesmado. Embora tivesse tentado fazer conversa, ela desistiu e sentiu-se ansiosa ali ao seu lado na sala de estar. Conversar estava fora de questão: o barulho e o alvoroço gerados pelos miúdos deixavam-na desorientada. Ele não se oferecera para ajudar. Limitou-se a ficar ali sentado, a fitar o vazio, sem dizer nada. Desesperadamente tímido, pensou ela para si mesma.

Nunca vira aquele homem, que deveria ter à volta de vinte e cinco anos e que era irmão de um dos amigos do filho presentes na festa. Tinham uma diferença de quase vinte anos. Ele, magro como um pau de virar tripas, apertou-lhe a mão à porta com dedos compridos, uma palma peganhenta, hesitante. Viera buscar o irmão, que se recusou terminantemente a ir-se embora uma vez que a festa estava ainda a decorrer a todo o vapor. Chegaram à conclusão de que ele deveria entrar um bocadinho. Daí a nada a festa chegaria ao fim, disse-lhe ela. Ele explicou-lhe que os pais de ambos, que viviam num prédio ao fundo da rua, tinham ido para fora e que ele estava a tomar conta do irmão; ele que, na realidade, tinha uma casa arrendada no centro. Ficou atrapalhado, sem saber onde pôr as mãos, à entrada da casa. O irmão mais novo fugira novamente para o meio da barafunda.

Estava agora sentado no sofá a observar a irmã do aniversariante, de um ano de idade, que ia gatinhando pelo chão à porta de um dos quartos das crianças. Estava com um vestido branco pregueado e uma fita na cabeça, e guinchava para consigo. Ele ia amaldiçoando silenciosamente o irmão mais novo. Estar numa casa desconhecida deixava-o desconfortável. Ele interrogava-se se deveria oferecer-se para ajudar. A mãe disse-lhe que o pai do miúdo iria ficar a trabalhar até tarde. Ele assentiu e esboçou um sorriso, rejeitando a oferta de piza e *Coca-Cola*.

Reparou que a menina trazia na mão um brinquedo qualquer que se pôs a mordiscar ao sentar-se, babando-se profusamente. As gengivas pareciam irritá-la. Devem ser os dentes a nascer, pensou ele.

Quando a menina se aproximou com o brinquedo na mão, ele perguntou-se o que seria aquilo. Ela parou, contorceu-se até ficar

deitada de costas e depois sentou-se no chão de boca aberta, a olhar para ele. Um fio de saliva pingou-lhe no peito. Ela levou o brinquedo à boca e mordeu-o, para então gatinhar na direção dele com o objeto preso entre os maxilares. Ao esticar-se, fazendo uma careta e soltando uma risadinha, o brinquedo caiu-lhe da boca. A custo, lá voltou a pegar nele, segurando-o na mão e dirigindo-se ao jovem. Depois içou-se para o braço do sofá e pôs-se ao seu lado, titubeante, mas agradada com a proeza.

Ele tirou-lhe o objeto das mãos e examinou-o. A bebé ficou a olhar para o jovem com perplexidade, antes de desatar a berrar a plenos pulmões. Ele não demorou a aperceber-se de que tinha na mão um osso humano – uma costela, com dez centímetros de comprimento. O osso, que apresentava uma cor esbranquiçada, estava desgastado no ponto onde se partira, de tal forma que as arestas já não eram afiadas, e no interior da fratura havia manchas castanhas, como se de terra.

Ele calculou que seria a parte anterior da costela e reparou que teria já uma certa idade.

A mãe, assim que ouviu a bebé a chorar, espreitou a sala de estar e viu-a em cima do sofá ao lado do desconhecido. Pousando a taça de pipocas, foi ter com a filha, pegou nela e olhou para o homem, que parecia alheado tanto em relação a ela como à bebé que estava aos gritos.

– O que é que aconteceu? – perguntou ansiosamente a mãe ao mesmo tempo que tentava consolar a filha, erguendo a voz com o intuito de berrar mais alto do que os miúdos barulhentos.

O homem levantou o olhar, ergueu-se lentamente e entregou o osso à mãe.

- Onde é que ela foi buscar isto? – perguntou ele.
- O quê? – perguntou ela.
- Este osso – disse ele. – Onde é que ela foi buscar este osso?
- Osso? – disse a mãe.

Mal voltou a ver o osso, a menina acalmou-se e tentou agarrá-lo, vesga de concentração, outra vez com baba a pender-lhe da boca escancarada. A bebé surripou o osso e observou-o nas suas mãos.

- Julgo que é um osso – disse o homem.

A bebé pô-lo na boca e sossegou novamente.

– Essa coisa que ela está a morder – disse ele. – Julgo que é um osso.

A mãe olhou para a bebé que trincava o osso.

– Nunca tinha visto isto. Como assim, um osso humano?

– Acho que faz parte de uma costela humana – disse ele. – Sou aluno de medicina – acrescentou à guisa de explicação –, estou no quinto ano.

– Que disparate! Trouxe-o consigo?

– Eu? Não. Sabe de onde é que terá vindo? – perguntou ele.

A mãe olhou para a filha antes de lhe arrancar o osso da boca e atirá-lo para o chão. A bebé desatou uma vez mais num pranto. O homem pegou no osso para o examinar mais atentamente.

– Talvez o irmão saiba...

Ele olhou para a mãe, que também o olhou constrangida. Depois, a mãe olhou para a filha que chorava. Em seguida, olhou para o osso e, pela janela da sala de estar, para as casas semiconstruídas ali ao pé, antes de regressar ao osso e ao desconhecido, e por fim ao seu filho, que apareceu a correr de um dos quartos das crianças.

– Tóti! – berrou ela.

O miúdo ignorou-a. Ela arremeteu pelo meio da multidão de crianças, extraiu o filho com considerável dificuldade e pô-lo diante do aluno de medicina.

– Isto é teu? – perguntou ele ao miúdo, passando-lhe o osso.

– Encontrei-o – disse Tóti, que não queria perder pitada da sua festa de anos.

– Onde? – perguntou a mãe, pousando no chão a bebé, que ficou a olhar para ela, sem saber se haveria de recomeçar a gritar.

– Lá fora. É uma pedra engraçada. Lavei-a – disse o miúdo, a ofegar.

Um pingo de suor escorreu-lhe pela face.

– Lá fora onde? – perguntou a mãe. – Quando? O que é que andavas a fazer?

O miúdo olhou para a mãe. Não sabia se teria feito algo de mal, embora a expressão dela indiciasse isso mesmo, e ele perguntou-se o que poderia ter sido.

– Ontem, acho eu – disse ele. – Nos alicerces ao fundo da estrada. O que é que se passa?

A mãe e o desconhecido olharam-se nos olhos.

– Eras capaz de me mostrar exatamente onde é que encontraste isto? – perguntou ela.

– Tem mesmo de ser? É a minha festa de anos – disse ele.

– Sim – disse a mãe. – Mostra-nos lá.

Apanhando a bebé do chão, empurrou o filho na direção da porta da rua. O homem seguia logo atrás. As crianças calaram-se perante o castigo aplicado ao anfitrião e ficaram a ver a mãe empurrar Tóti para fora de casa com um olhar austero, carregando a irmã mais nova no braço. Olharam umas para as outras e arrancaram atrás deles.

Estava isto a acontecer na nova urbanização perto da estrada que ia dar ao Lago Reynisvatn. O Bairro do Milénio. O bairro fora construído nas encostas do monte de Grafarholt, no cimo do qual se elevavam os monstruosos depósitos de água geotermal pintados a castanho, como uma cidadela sobranceira ao subúrbio. De ambos os lados dos depósitos, subindo a encosta, tinham sido abertas estradas, ao longo das quais estava em construção uma série de casas; uma ou outra já exibindo um jardim, um relvado recém-colocado e jovens árvores que acabariam por crescer e proporcionar sombra aos proprietários.

A turba lançou-se no enalço de Tóti pela rua mais alta, perto dos depósitos. Vivendas recém-construídas estendiam-se até ao prado, ao passo que ao longe, para norte e este, dominavam os velhos chalés de verão detidos por gente de Reiquejavique. Como em todos os novos empreendimentos, as crianças brincavam nas casas semiconstruídas, trepando os andaimes, escondendo-se à sombra de paredes solitárias ou escorregando para o interior de alicerces acabados de escavar para chapinhar na água que aí se acumulava.

Tóti desceu a um desses alicerces à frente do desconhecido, da mãe e do bando inteiro e apontou para o local onde encontrara aquela estranha pedra branca que, por ser tão leve e lisa, ele enfiara no bolso e decidira guardar. O miúdo, recordando-se da localização exata, saltou para os alicerces à frente deles e avançou diretamente

para o ponto onde, sobre a terra seca, jazera a pedra. A mãe ordenou-lhe que se afastasse e, com a ajuda do jovem, desceu a custo para os alicerces. Tóti tirou-lhe o osso da mão e colocou-o no solo.

– Estava aqui, assim – disse ele, ainda imaginando o osso como uma pedra interessante.

Era sexta-feira de tarde e não havia ninguém a trabalhar nos alicerces. Em dois dos lados fora colocada madeira para preparar a betonagem, embora a terra continuasse à mostra onde não havia ainda paredes. O jovem aproximou-se da parede de terra e inspecionou o local sobre o qual o rapaz encontrara o osso. Raspou a terra com os dedos e ficou horrorizado ao ver o que parecia ser o osso da parte de cima de um braço bem enterrado no chão.

A mãe do miúdo, ao ver o jovem fixado na parede de terra, seguiu-lhe o olhar até que vislumbrou também ela o osso. Aproximando-se, pareceu-lhe distinguir um maxilar e um ou dois dentes.

Sobressaltada, olhou novamente para o jovem e depois para a filha, começando instintivamente a limpar a boca à bebé.

Ela mal se apercebeu do que acabara de acontecer até sentir uma dor na têmpora. Do nada, ele atingira-a na cabeça com o punho cerrado, um golpe tão rápido que nem o conseguiu antecipar. Ou talvez não acreditasse que ele lhe batera. Aquele era o primeiro murro e, nos anos seguintes, ela perguntar-se-ia se a sua vida poderia ter sido diferente acaso lhe tivesse virado costas naquele preciso momento.

Se ele a tivesse deixado fazer isso.

Ela olhava espantada para ele, sem perceber o motivo por que repentinamente lhe batera. Nunca ninguém lhe batera. Aconteceu três meses após o casamento.

– Deste-me um murro? – perguntou ela, levando a mão à têmpora.

– Achas que não vi a forma como estavas a olhar para ele? – ci-ciou ele.

– Para ele? O quê...? Referes-te ao Snorri? A olhar para o Snorri?

– Achas que não reparei na forma como te comportaste, como se estivesses com o cio?

Ela nunca vira aquele lado dele. Nunca o ouvira a usar aquela expressão. Com o cio. Do que é que ele estava a falar? Ela trocara

dois dedos de conversa com Snorri junto à porta da cave, para lhe agradecer a devolução de algo que ela se esquecera de trazer da casa onde trabalhara como empregada; não quis convidá-lo a entrar pois o marido, que passara o dia inteiro rabugento, tinha dito que não queria vê-lo. Snorri disse uma piada sobre o comerciante para o qual ela trabalhara, riram-se e despediram-se.

– Era o Snorri – disse ela. – Não sejas assim. Porque é que estiveste o dia todo de mau humor?

– Estás a contradizer-me? – perguntou ele, aproximando-se novamente dela. – Eu vi-te pela janela. Vi-te aos saltinhos de roda dele. Feita putéfia!

– Não, tu não...

Ele atingiu-a outra vez na cara com o punho cerrado, projetando-a contra o louceiro da cozinha. Foi tão rápido que ela nem teve tempo de proteger a cabeça com as mãos.

– Não te ponhas com mentiras! – gritou ele. – Eu vi a forma como estavas a olhar para ele. Vi-te a namoriscar com ele! Vi com os meus próprios olhos! Sua porca!

Mais uma expressão que ela estava a ouvir pela primeira vez da boca dele.

– Meu Deus – disse ela, com sangue a escorrer-lhe para a boca, vindo do lábio superior aberto; esse sabor misturava-se com as lágrimas salgadas que lhe desciam pela cara. – Porque é que fizeste isto? O que é que eu fiz?

Ele chegou-se a ela, pronto a atacar, com a cara rubra a arder de ira. Após ter rangido os dentes e batido com o pé, deu meia volta e abandonou intempestivamente a cave. Ela ficou parada, incapaz de conceber o que acontecera.

Posteriormente, sempre que dava por si a pensar naquele momento, perguntava-se se algo teria mudado caso tivesse respondido de imediato à violência dele abandonando-o, virando-lhe de vez as costas, em lugar de procurar motivos para se auto-recriminar. Alguma coisa ela teria feito para provocar uma reação daquelas. Algo que lhe escapava, mas que ele vira, e assim que regressasse ela poderia falar com ele sobre o assunto, prometer-lhe tréguas e voltar à normalidade.

Nunca o vira a comportar-se daquela forma, nem em relação a si nem em relação a mais ninguém. Ele era uma pessoa serena, com um lado sério. Meditabundo, até. Foi esse um dos aspetos que lhe agradaram nele quando estavam a conhecer-se um ao outro. Ele trabalhava em Kjós para o irmão do comerciante que a empregava, ao qual entregava mercadorias. Fora assim que se tinham conhecido, cerca de ano e meio antes. Tinham sensivelmente a mesma idade e ele falava em desistir de trabalhar e porventura lançar-se ao mar. Havia na pesca dinheiro por ganhar. E ele queria ter a sua própria casa. Ser patrão de si mesmo. Trabalhar era uma coisa repressiva, antiquada e mal paga.

Ela disse-lhe que estava farta de servir como criada em casa do comerciante. O tipo era um sovina que passava a vida a apalpar as três raparigas que empregava; a mulher era uma bruxa e uma tirana. Ela não tinha planos concretos em relação ao que fazer. Nunca pensara no futuro. Mourejar representava tudo o que conhecera desde a mais tenra infância. A sua vida não se desviava muito disso.

Ele não parava de arranjar pretextos para visitar o comerciante, deparando-se frequentes vezes com ela na cozinha. Palavra puxou palavra e não tardou a que ela lhe falasse da filha. Ele disse que já sabia que ela era mãe. Que perguntara às pessoas. Foi a primeira vez que se revelou interessado em conhecê-la melhor. A menina faria em breve três anos, disse-lhe ela, indo buscá-la ao quintal onde brincava com os filhos do comerciante.

Quando regressou com a filha, ele perguntou-lhe quantos homens tinha ela na sua vida, sorrindo como se fosse uma piada inocente. Mais tarde, haveria de usar de forma impiedosa a sua suposta promiscuidade para a deitar abaixo. Nunca tratou a filha pelo nome, apenas por alcunhas: chamava-lhe de bastarda e deficiente.

Ela nunca tivera muitos homens na sua vida. Falou-lhe do pai da criança, um pescador que se afogara em Kollafjörður. Tinha apenas vinte e dois anos quando a tripulação de quatro pescadores pereceu durante uma tempestade no mar. Foi mais ou menos nessa altura que descobriu que estava grávida. Como não tinham casado, dificilmente se poderia descrever como viúva. Tinham feito tenção de casar, mas ele morreu, deixando-a com uma filha ilegítima.

Enquanto ele escutava sentado na cozinha, ela reparou que a menina não queria estar junto dele. Embora não costumasse mostrar-se tímida, agarrou-se à saia da mãe e não se atreveu a soltá-la mesmo quando o homem a chamou. Ele tirou um rebuçado do bolso e estendeu-lho, mas ela enterrou ainda mais a cara na saia e desatou a chorar, desejando voltar para junto das outras crianças lá fora. Os rebuçados eram a sua guloseima preferida.

Dois meses depois ele pediu-a em casamento. Gesto que não comportou nada do romantismo sobre o qual ela lera. Os dois tinham-se encontrado várias vezes à noite, tinham dado passeios pela cidade e ido ver um filme de Chaplin. Enquanto ria às bandeiras despregadas desse vagabundo, ela olhou para o seu acompanhante, que nem sequer sorria. Certa noite, depois de saírem do cinema e enquanto aguardavam a boleia que ele combinara para regressarem a Kjós, ele perguntou-lhe do nada se não deviam casar. Puxou-a para junto de si.

– Quero casar contigo – disse ele.

Apesar de tudo, tal representava para ela uma enorme surpresa, visto que, só muito mais tarde quando já tudo havia chegado ao fim, se lembrara de que aquilo não fora um pedido de casamento, nem uma pergunta em relação à sua vontade.

– Quero casar contigo.

Ela já tinha posto a hipótese de que ele a pedisse em casamento. A relação atingira de facto esse ponto. Ela precisava de um lar para a sua filha pequena e queria ter a sua casa. Ter mais filhos. Poucos tinham sido os homens que se tinham mostrado interessados nela. Talvez por causa da filha. Talvez ela não fosse uma escolha particularmente entusiasmante, sendo baixa e um pouco roliça, com traços angulosos, dentes ligeiramente salientes e dedos pequenos mas destros que não pareciam parar quietos. Talvez nunca viesse a cruzar-se com uma proposta melhor.

– O que me dizes? – perguntou ele.

Ela assentiu. Ele beijou-a e abraçaram-se. Pouco depois, casaram na igreja de Mosfell. Tratou-se de uma cerimónia modesta, à qual compareceram pouco mais do que a noiva e o noivo, os amigos dele de Kjós e duas amigas dela de Reiquejavique. Após a cerimónia,

o pastor convidou-os para um café. Ela perguntara-lhe pelos dele, pela sua família, mas ele mostrou-se reservado a esse respeito. Disse-lhe que era filho único, que era ainda criança quando o pai morreu e que a mãe, incapaz de o sustentar, o entregou a uma família de acolhimento. Antes de se tornar trabalhador agrícola em Kjós, trabalhara numa série de quintas. Não parecia ter curiosidade em relação à família dela. Não parecia ter grande interesse pelo passado. Ela disse-lhe que as circunstâncias de ambos eram bastante similares: ela não sabia quem eram os seus pais biológicos. Fora adotada e criada em diferentes contextos numa série de casas de Reiquejavique, até acabar a servir como criada em casa do comerciante. Ele assentiu.

– Vamos começar do zero – disse ele. – Esquecer o passado.

Arrendaram uma pequena cave na Lindargata que pouco mais era do que uma sala de estar e uma cozinha. Lá fora, no quintal, havia uma latrina. Ela deixou de trabalhar para o comerciante. Ele disse-lhe que ela já não precisava de ganhar a vida. Ele arranhou trabalho no porto até poder integrar um barco de pesca. Sonhava fazer-se ao mar.

Ela estava ao pé da mesa da cozinha, agarrada à barriga. Embora ainda não lhe tivesse dito, tinha a certeza de que estava grávida. O que seria de esperar. Tinham falado sobre ter filhos, mas ela não sabia ao certo a opinião dele, que conseguia ser muito misterioso. Se o bebé fosse rapaz, ela já lhe escolhera um nome. Ela queria um rapaz. Chamar-lhe-ia Símon.

Ouvira falar de homens que batiam nas mulheres. Ouvira falar de mulheres que tinham de suportar a violência exercida pelos seus maridos. Ouvira essas histórias. Não podia acreditar que ele fosse um desses homens. Não o achava capaz disso. Aquilo só poderia ter sido um incidente isolado, disse ela a si mesma. Ele achou que eu estava a namoriscar com o Snorri, pensou ela. Tenho de ter cuidado para que tal não volte a acontecer.

Limpou a cara e fungou. Que agressividade. Embora ele se tivesse ido embora, não tardaria a voltar com certeza a casa para lhe pedir desculpa. Não podia tratá-la daquela forma. É que não

podia mesmo. Não devia. Perplexa, foi até ao quarto para ver a filha. A menina chamava-se Mikkelína. Acordara com febre nessa manhã, mas passara grande parte do dia a dormir e assim permanecia. Ao pegar-lhe, a mãe reparou que ela fervia. Sentou-se, segurando a menina entre os braços, e começou a cantar uma canção de embalar, ainda em choque e perturbada por causa da agressão.

Põem-se em cima da caixa,
com as suas meias pequeninas,
dourada é cada madeixa,
lindos os vestidos das meninas.

A menina respirava a custo. O seu peito mínimo subia e descia e um assobio ténue desprendia-se-lhe do nariz. A cara parecia estar em chamas. A mãe de Mikkelína tentou acordá-la, mas ela não se mexeu.

A mãe soltou um grito.

A doença da menina era grave.